

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA EM PERSPECTIVA: UM PANORAMA ENTRE PRÁTICAS E COMPETÊNCIAS NOS CURSOS DE GESTÃO EM IES DO CEARÁ

LETICIA CRESLEY DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

CARLOS CÉSAR DE OLIVEIRA LACERDA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

RAFAELA CAJADO MAGALHÃES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

LUCIANO PEREIRA DOS SANTOS CAVALCANTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA EM PERSPECTIVA: UM PANORAMA ENTRE PRÁTICAS E COMPETÊNCIAS NOS CURSOS DE GESTÃO EM IES DO CEARÁ

1. INTRODUÇÃO

Estamos formando empreendedores? De que maneira? Entre práticas curriculares e experiências aplicadas? A educação empreendedora (EE) ganhou cada vez mais relevância no cenário acadêmico, especialmente em um contexto global marcado por rápidas transformações econômicas, tecnológicas e sociais (Lopes, 2010; Guimarães e Santos, 2020). No Brasil, e mais especificamente no Ceará, essa questão adquiriu uma importância ainda maior, dado o papel crucial que o empreendedorismo desempenhou no enfrentamento de desafios socioeconômicos, como o desemprego e a desigualdade social. Nesse contexto, as Instituições de Ensino Superior (IES) consolidaram-se como agentes importantes nesse processo, promovendo a formação de estudantes com um perfil empreendedor que vai além da criação de novos negócios, abrangendo também a inovação dentro de organizações já existentes (Zanchet e Silva, 2021).

A educação empreendedora, ao contrário de modelos tradicionais de ensino, busca desenvolver habilidades práticas e competências fundamentais a partir da compreensão e não apenas a transmissão, como criatividade, pensamento crítico e inovação (Guimarães e Santos, 2020). De acordo com Nabi et al. (2017), a educação empreendedora desempenha um papel crucial no desenvolvimento de competências criativas e inovadoras ao expor os alunos a situações reais de resolução de problemas, estimulando a criação de soluções originais e a capacidade de adaptação em ambientes dinâmicos. Ribeiro e Plonski (2020) destacam que o pensamento crítico é uma competência central promovida pela educação empreendedora, permitindo aos estudantes analisarem e avaliarem informações de forma reflexiva e fundamentada, essencial para a tomada de decisões estratégicas. Além disso, segundo Martin et al., (2013), práticas empreendedoras que utilizam metodologias ativas como aprendizado baseado em projetos e simulações de negócios facilitam a aplicação prática do conhecimento, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades para modelar e implementar novos negócios com maior eficiência no contexto da inovação e da criatividade na resolução de problemas.

Para que essas competências sejam efetivamente adquiridas, é imprescindível que as instituições adotem metodologias de ensino ativas e dinâmicas. Abordagens como aprendizado baseado em projetos, simulações de negócios, estágios práticos e parcerias com empresas do setor privado mostraram-se eficazes para proporcionar aos alunos uma vivência próxima da realidade empresarial. Segundo Mwasalwiba (2010), metodologias de ensino ativas, como aprendizado baseado em projetos e simulações, são relevantes para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras práticas e para a aproximação dos estudantes com situações reais de mercado. Além disso, Fayolle e Gailly (2015) destacam que essas abordagens incentivam a autonomia e a capacidade de tomada de decisão estratégica, fundamentais para o sucesso no empreendedorismo. No contexto regional cearense, a implementação de tais metodologias não apenas impulsionou a criação de negócios inovadores, mas também promoveu a inclusão social e o desenvolvimento econômico em regiões menos favorecidas, reduzindo desigualdades sociais, políticas e culturais (Fernandes, 2021). Estudos como os de Ribeiro e Plonski (2020) reforçam que a educação empreendedora tem impacto direto na redução de desigualdades e no fortalecimento de regiões economicamente desfavorecidas, criando oportunidades por meio do fomento à inovação e à criação de novos negócios.

Entre os instrumentos que potencializam a educação empreendedora, destacam-se, entre outros, as Empresas Juniores (EJs), as incubadoras, os Programas de Educação Tutorial (PETs) e os Programas de Pesquisa, Ensino e Extensão, pilares das Instituições de Ensino Superior.

Nesse sentido, as IES tiveram um papel central na preparação dos estudantes para o mercado de trabalho do futuro. A formação empreendedora vai além do desenvolvimento de competências técnicas, promovendo uma mentalidade inovadora vital em um cenário de rápidas

transformações econômicas. Estudantes que recebem essa formação estão mais preparados para lidar com incertezas e aproveitar as oportunidades que surgiram em ambientes complexos e dinâmicos de inovação (Lopes, 2010; Guimarães e Santos, 2020).

Apesar do avanço das discussões sobre o ensino empreendedor, ainda existe uma lacuna significativa na literatura e empírica sobre como as instituições cearenses incorporam essa abordagem em suas práticas de ensino. Assim, propõe-se a seguinte questão de pesquisa: de que maneira as práticas e competências empreendedoras estão sendo incorporadas nos cursos de gestão em IES do Ceará? Portanto, o objetivo do estudo — ainda em curso — foi traçar um panorama de práticas e competências empreendedoras nos cursos de gestão em IES do Ceará.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Definições e Fundamentos da Educação Empreendedora no Brasil

A educação empreendedora foi definida como uma abordagem pedagógica voltada para o desenvolvimento de competências, atitudes e conhecimentos que capacitassem os indivíduos a identificarem oportunidades, criar valor e enfrentar desafios em ambientes dinâmicos e complexos (Lopes, 2010). Fayolle e Gailly (2015) afirmaram que a educação empreendedora envolvia não apenas o ensino de técnicas e ferramentas para a criação de negócios, mas também o desenvolvimento de comportamentos e habilidades fundamentais para a inovação e a adaptação em cenários incertos. Inicialmente, essa forma de educação era compreendida como um treinamento técnico voltado para a formação de empresários, com foco em habilidades práticas, como a elaboração de planos de negócios e a gestão financeira. Contudo, ao longo das décadas, o conceito foi ampliado para abranger uma perspectiva mais ampla e multidimensional, incluindo a formação de uma mentalidade inovadora e proativa, essencial para diferentes contextos sociais e econômicos (Drucker, 1985; Nabi et al., 2017).

Um dos fundamentos centrais da educação empreendedora era o foco no desenvolvimento de competências práticas e comportamentais. Essas competências incluíam liderança, a resolução de problemas, o pensamento crítico e a capacidade de lidar com incertezas (Bird, 1988). Além disso, o comportamento empreendedor, caracterizado pela autoconfiança, resiliência e disposição para assumir riscos, é considerado um aspecto fundamental desse processo formativo (Gibb, 2002). Esses comportamentos são frequentemente fomentados por metodologias ativas, que colocam os estudantes no centro do processo de aprendizagem, proporcionando experiências práticas que os desafiavam a aplicar seus conhecimentos em situações reais (Kolb, 1984; Mwasalwiba, 2010).

Outro elemento essencial da educação empreendedora é sua abordagem interdisciplinar. Por ser um campo que interage com diversas áreas do conhecimento, como administração, psicologia, economia e ciências sociais, a educação empreendedora conecta saberes diversos para abordar problemas complexos de maneira holística (Fayolle & Gailly, 2008). Essa perspectiva interdisciplinar é especialmente importante para preparar os estudantes para os desafios do mercado de trabalho e para os contextos de inovação. Além disso, conforme apontaram Martin et al. (2013), programas educacionais que integram diferentes disciplinas promovem a criatividade e incentivam a colaboração, elementos essenciais para o sucesso em ambientes empreendedores para desenvolver competências como trabalho em equipe, liderança e tomada de decisão.

Além do mais, a educação empreendedora desempenha um papel estratégico no desenvolvimento socioeconômico, especialmente em regiões que enfrentavam desafios como desigualdade e desemprego. Estudos realizados por Ribeiro e Plonski (2020) indicaram que, ao formar indivíduos capacitados para criar novos negócios e inovar em organizações existentes, a educação empreendedora contribuiu diretamente para o crescimento econômico e para a geração de empregos. No Brasil, e particularmente no Ceará, sua relevância é ainda maior,

considerando as especificidades regionais e a necessidade de estimular o empreendedorismo como motor de desenvolvimento (Silva et al., 2022).

Apesar de sua importância, a implementação da educação empreendedora enfrenta desafios significativos. Entre eles cita-se a resistência de algumas instituições de ensino em adotar metodologias ativas, a necessidade de capacitação de professores e a adaptação de programas educacionais às particularidades locais (Mwasalwiba, 2010). Contudo, iniciativas que integram práticas pedagógicas inovadoras, como as metodologias baseadas em projetos e a gestão de empresas juniores, demonstram resultados positivos, reforçando o potencial transformador da educação empreendedora (Santos, 2024).

No contexto brasileiro, a educação empreendedora emergiu como uma resposta estratégica a desafios econômicos e sociais de longa data. Em um país com profundas desigualdades regionais, altos índices de desemprego e uma economia em constante transformação, a necessidade de formar indivíduos capazes de criar valor, inovar e enfrentar incertezas tornou-se uma prioridade (Barreto, 2013). Ao longo das últimas décadas, a integração da educação empreendedora nos diferentes níveis de ensino refletiu uma tentativa de capacitar cidadãos não apenas para o mercado de trabalho, mas também para transformar suas realidades locais. Nesse sentido, Ribeiro e Plonski (2020) destacaram que, ao promover o empreendedorismo, a educação não apenas fomenta a criação de novos negócios, mas também estimula a inclusão social, reduz desigualdades e fortalece o desenvolvimento socioeconômico.

A trajetória da educação empreendedora no Brasil começou a ganhar destaque nos anos 1990, impulsionada por mudanças estruturais na economia e pelo aumento das taxas de desemprego, especialmente entre os jovens (Barreto, 2013; Fernandes, 2013). Nesse contexto, o empreendedorismo foi visto como uma alternativa viável para geração de renda e crescimento econômico. Programas como os cursos oferecidos pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) desempenharam um papel pioneiro, capacitando pequenos empreendedores e introduzindo conceitos básicos de gestão de negócios. No entanto, foi apenas a partir dos anos 2000 que a educação empreendedora começou a ser incorporada de maneira mais sistemática nos currículos das escolas e instituições, com a criação de políticas públicas específicas e iniciativas privadas que consolidaram sua relevância. Um marco importante foi a implementação do Programa Nacional de Educação Empreendedora (PNEE), que ampliou o alcance das ações do SEBRAE para milhões de estudantes em todo o país (SEBRAE, 2022).

No ensino superior, a educação empreendedora tornou-se um eixo central de inovação pedagógica. Muitas instituições brasileiras passaram a integrar disciplinas obrigatórias e optativas de empreendedorismo, além de desenvolver programas de extensão que conectam a academia ao mercado. As Empresas Juniores, por exemplo, tornaram-se um dos principais veículos para promover a prática empreendedora entre os estudantes, oferecendo a oportunidade de desenvolver projetos reais em consultoria e gestão empresarial. De acordo com Martin et al. (2013), iniciativas como o Movimento Empresa Júnior (MEJ) impactaram diretamente na formação dos estudantes, desenvolvendo competências como liderança, trabalho em equipe e tomada de decisão. No Brasil, o MEJ reúne milhares de jovens em projetos que, além de fortalecerem sua formação profissional, geram impactos positivos em comunidades locais.

Outro destaque são as incubadoras de empresas e parques tecnológicos, que conectam a pesquisa acadêmica às demandas do mercado. Essas estruturas criam um ambiente propício à inovação, permitindo que alunos, professores e empreendedores desenvolvam soluções para problemas reais. Silva et al. (2022) ressaltam que programas educacionais com foco em empreendedorismo e inovação têm sido essenciais para o fortalecimento de economias locais, especialmente em regiões vulneráveis. Um exemplo notável é o impacto de programas de extensão universitária voltados para a capacitação de micro e pequenos empreendedores, que estimulam o crescimento econômico e promovem a inclusão social.

Além das iniciativas formais no ensino superior, a educação empreendedora no Brasil também encontrou espaço no ensino fundamental e médio. O projeto Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP), também liderado pelo SEBRAE, é uma das iniciativas que buscam cultivar a mentalidade empreendedora desde cedo. Esse programa utiliza metodologias lúdicas e participativas para ensinar conceitos como planejamento, trabalho em equipe e resolução de problemas, adaptando os conteúdos à faixa etária dos alunos. Segundo Kolb (1984), práticas baseadas na experiência são fundamentais para consolidar o aprendizado, pois permitem que os estudantes vivenciem o processo de criação e experimentação, habilidades essenciais para o empreendedorismo.

Apesar desses avanços, a educação empreendedora no Brasil enfrenta desafios significativos. Um deles é a falta de uniformidade na implementação das políticas educacionais. Enquanto algumas instituições de ensino adotam metodologias ativas e inovadoras, outras ainda mantêm abordagens tradicionais, que não estimulam o protagonismo dos estudantes. Além disso, a formação de professores continua sendo um ponto crítico. Muitos educadores não possuem capacitação adequada para implementar práticas empreendedoras em sala de aula, o que limita o potencial de impacto dessas iniciativas (Mwasalwiba, 2010).

Outro desafio está relacionado à adaptação da educação empreendedora às especificidades regionais. O Brasil é um país marcado por grande diversidade cultural e econômica, o que exige soluções personalizadas para atender às necessidades de cada região. No Norte e no Nordeste, por exemplo, onde o empreendedorismo muitas vezes está ligado à economia informal e à subsistência, é necessário um enfoque que valorize as potencialidades locais e estimule o crescimento sustentável. Dornelas (2008) aponta que programas educacionais que incorporam a realidade socioeconômica local têm maior probabilidade de gerar impactos duradouros, pois criam conexões significativas entre o aprendizado e as necessidades práticas das comunidades.

Apesar dos desafios, as iniciativas já implementadas demonstram que, ao integrar teoria e prática, a educação empreendedora em IES prepara indivíduos para serem protagonistas de suas próprias histórias e agentes de transformação em suas comunidades (Almeida, Cordeiro e Silva, 2018). À medida que o Brasil continua a enfrentar mudanças globais e locais, a ampliação e o fortalecimento dessas práticas educacionais serão fundamentais para garantir um futuro mais equitativo e sustentável por meio das IES. O próximo tópico discute melhor sobre essa questão.

2.2. As Práticas das IES como Propulsoras da Educação Empreendedora

As Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil desempenham um papel central na promoção do ensino do empreendedorismo, atuando como agentes de transformação social e econômica (Oliveira, Melo e Muylder, 2016). Em um contexto marcado por profundas desigualdades regionais, desafios econômicos e demandas crescentes por inovação, as IES têm se consolidado como espaços de construção de conhecimento e de formação de indivíduos capazes de gerar impacto positivo em suas comunidades. Ao integrar a educação empreendedora em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, essas instituições ajudam a preparar uma geração de profissionais mais inovadores, criativos e resilientes (Ribeiro, Oliveira e Araújo, 2014; Oliveira, Melo e Muylder, 2016; Santos, 2024).

Uma das principais práticas das IES para fomentar o empreendedorismo é a criação e o fortalecimento de Empresas Juniores (EJs). Essas organizações, geridas exclusivamente por estudantes universitários, operam como consultorias que oferecem serviços para o mercado, permitindo que os alunos vivenciem o ciclo completo de um empreendimento (Apolinário, 2014). De acordo com Martin et al. (2013), as EJs proporcionam um ambiente de aprendizado experiencial onde os estudantes podem desenvolver competências práticas, como gestão de projetos, trabalho em equipe, liderança e resolução de problemas. No Brasil, o Movimento Empresa Júnior (MEJ) é um exemplo bem-sucedido dessa prática, reunindo milhares de

estudantes em projetos que não apenas fortalecem suas habilidades, mas também geram impacto real no mercado.

As EJs funcionam como laboratórios vivos de empreendedorismo, onde os alunos têm a oportunidade de aplicar conceitos teóricos em situações reais. Isso permite que eles desenvolvam uma compreensão mais profunda do funcionamento dos negócios e fortaleçam suas habilidades interpessoais (Apolinário, 2014). Além disso, as EJs frequentemente atuam em parceria com micro e pequenas empresas, startups e organizações comunitárias, contribuindo para o desenvolvimento econômico local. Ribeiro e Plonski (2020) afirmam que essas iniciativas são essenciais para conectar a academia ao mercado, promovendo a inovação e o fortalecimento das economias regionais.

Outro eixo importante da atuação das IES no ensino do empreendedorismo são os Projetos de Pesquisa e Extensão, que ampliam o alcance do conhecimento acadêmico e fortalecem o vínculo entre a instituição e a sociedade. Por meio desses projetos, as instituições conseguem aplicar o saber produzido na academia para resolver problemas concretos e gerar impactos diretos em comunidades vulneráveis. Esses projetos não apenas promovem a inclusão social, mas também incentivam os alunos a utilizarem sua criatividade e pensamento crítico na criação de soluções inovadoras. Silva et al. (2022) destacaram que, no Nordeste brasileiro, os projetos de extensão têm sido fundamentais para capacitar pequenos empreendedores e fortalecer a economia local, especialmente em regiões carentes de recursos.

Os projetos de extensão também cumprem um papel transformador ao incentivar os estudantes a enxergarem o empreendedorismo como uma ferramenta de impacto social. Ao trabalhar diretamente com comunidades, os alunos conseguem compreender melhor as necessidades e desafios enfrentados por diferentes grupos sociais, desenvolvendo soluções que combinam inovação e responsabilidade social. Essa abordagem, além de ampliar a formação acadêmica dos estudantes, cria um ciclo virtuoso de desenvolvimento sustentável, onde o conhecimento gerado pela universidade retorna à sociedade em forma de benefícios concretos.

Além das EJs e dos projetos de extensão, as IES também utilizam o Programa de Educação Tutorial (PET) como um recurso valioso para o ensino do empreendedorismo. O PET é composto por grupos tutoriais que combinam atividades de ensino, pesquisa e extensão, promovendo a integração entre diferentes áreas do conhecimento. Sob a supervisão de professores, os alunos participantes do PET desenvolvem projetos interdisciplinares que os desafiam a pensar de maneira criativa e sistêmica (Rosin, Gonçalves e Hidalgo, 2017). Segundo Mwasalwiba (2010), essa abordagem interdisciplinar é fundamental para a formação de empreendedores, pois permite que os estudantes analisem e enfrentem problemas complexos de forma colaborativa e inovadora.

O PET também se destaca por promover a autonomia e a liderança dos estudantes, elementos centrais no comportamento empreendedor. Ao liderarem projetos, os alunos aprendem na prática a planejar, gerenciar recursos e tomar decisões estratégicas, competências indispensáveis para o mercado. Além disso, os grupos PET frequentemente desenvolvem ações voltadas para o empreendedorismo social, como oficinas de capacitação para jovens e consultorias para pequenos negócios em comunidades vulneráveis, reforçando o impacto positivo das instituições na sociedade (Rosin, Gonçalves e Hidalgo, 2017).

Embora as IES tenham alcançado avanços significativos na promoção do ensino do empreendedorismo, elas ainda enfrentam desafios importantes. A implementação de iniciativas como as EJs, os projetos de extensão e o PET exige investimento financeiro, infraestrutura adequada e capacitação docente. Muitos professores ainda carecem de formação específica para trabalhar com metodologias ativas e práticas empreendedoras, o que limita o potencial dessas iniciativas. Além disso, é necessário que as instituições fortaleçam suas parcerias com o setor privado e o governo, criando redes de apoio que ampliem o impacto das ações empreendedoras (Lopes, 2010; Guimarães e Santos, 2020; Santos, 2024).

Apesar desses desafios, o papel das IES no fortalecimento da educação empreendedora no Brasil é inegável. Ao integrarem teoria e prática, ensino e extensão, essas instituições criam um ambiente propício para o desenvolvimento de competências empreendedoras e para a formação de cidadãos mais preparados para enfrentar os desafios do mercado e promover mudanças em suas comunidades. Ribeiro e Plonski (2020) destacam que, à medida que essas iniciativas se expandem, espera-se que o impacto das IES na formação de uma cultura empreendedora no Brasil se torne ainda mais significativo, promovendo desenvolvimento sustentável e inclusão social.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar o objetivo proposto, foi realizado um estudo documental, em uma abordagem qualitativa, com delineamentos exploratórios e descritivos. A pesquisa documental foi adotada como principal abordagem devido à sua eficiência em sistematizar e interpretar informações provenientes de fontes escritas e oficiais, como matrizes curriculares, ementas de disciplinas, planos de ensino, diretrizes pedagógicas, diretório do CNPq, projetos políticos pedagógicos, regulamentos de Empresas Juniores, manuais institucionais do PET e documentos institucionais disponíveis publicamente nos sites das instituições selecionadas. Essa diversidade de fontes permitiu explorar diferentes dimensões do ensino do empreendedorismo e compreender como ele está incorporado nas práticas educacionais das instituições cearenses. Segundo Cellard (2008), a pesquisa documental é indispensável em estudos qualitativos, pois possibilita identificar padrões, lacunas e tendências, além de fornecer uma base sólida para discussões teóricas e práticas. Essa abordagem também se justifica pela natureza pública dos documentos analisados, o que garante a transparência e a acessibilidade dos dados.

A pesquisa documental foi complementada por um roteiro estruturado de observação documental, que orientou a coleta e a análise dos dados documentais. As questões elaboradas no roteiro (Quadro 1) incluíram, por exemplo, a presença de disciplinas específicas sobre empreendedorismo nos currículos, a carga horária e o caráter dessas disciplinas (obrigatórias ou optativas), o uso de metodologias ativas de ensino e a existência de atividades práticas, como planos de negócios e projetos aplicados. Outras questões exploraram iniciativas extracurriculares, como feiras de inovação e parcerias com o setor privado, além de suporte institucional oferecido aos estudantes empreendedores, como incubadoras e mentorias.

Quadro 1: Roteiro Estruturado de Observação Documental

Número	Questão Norteadora
1	O curso oferece disciplinas específicas sobre empreendedorismo? Se sim, quais são elas?
2	As disciplinas de empreendedorismo são obrigatórias ou optativas?
3	Em que semestre(s) as disciplinas de empreendedorismo são ofertadas?
4	Qual é a carga horária total das disciplinas relacionadas ao empreendedorismo?
5	As disciplinas possuem componentes práticos, como elaboração de planos de negócios, projetos aplicados ou desenvolvimento de startups?
6	Há atividades extracurriculares relacionadas ao empreendedorismo (ex.: competições, <i>hackathons</i> , workshops)?
7	A instituição possui Empresas Juniores (EJs) ativas? Se sim, em quais cursos elas estão associadas?
8	Existem parcerias formais com o setor privado para projetos de empreendedorismo, estágios ou mentorias?
9	As disciplinas de empreendedorismo são interdisciplinares, envolvendo estudantes de diferentes cursos?
10	Quais cursos incluem as disciplinas de empreendedorismo em suas grades curriculares?
11	A IES promove eventos ou programas institucionais para fomentar a cultura empreendedora (ex.: feiras de inovação, semanas acadêmicas)?
12	As disciplinas de empreendedorismo utilizam metodologias ativas de ensino (ex.: aprendizado baseado em projetos, estudos de caso, simulações de negócios)?

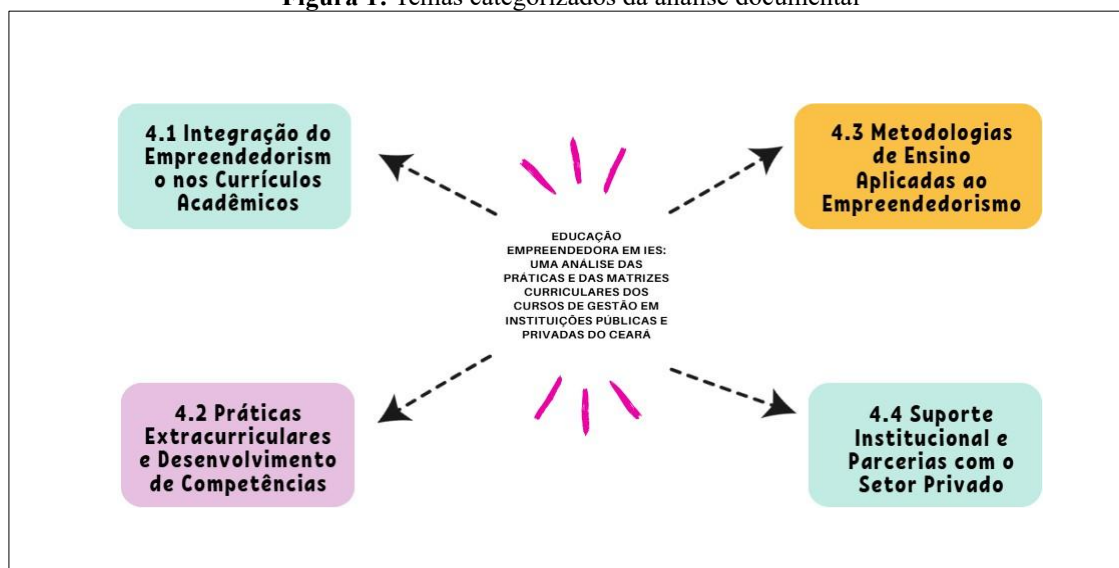
13	Existe suporte institucional para alunos que desejam abrir negócios (ex.: incubadoras, aceleradoras, acesso a mentores)?
14	Quais são as iniciativas empreendedoras promovidas pela instituição?

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A amostra da pesquisa foi composta por cinco Instituições de Ensino Superior, públicas e privadas localizadas no estado do Ceará: 1) Universidade Federal do Ceará (UFC); 2) Universidade Estadual do Ceará (UECE); 3) Universidade de Fortaleza (Unifor); 4) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE); 5) Centro Universitário Christus (Unichristus). Essa amostra foi composta pelos cursos na área de gestão em nível de graduação: Administração, Economia e Ciências Contábeis dessas instituições, escolhidos por sua relevância na formação de competências empreendedoras e na capacitação de gestores e líderes empresariais. A seleção dessas instituições foi justificada por sua representatividade regional e pela disponibilidade de informações públicas (dados secundários) relevantes para a pesquisa.

Os dados documentais coletados foram posteriormente analisados por meio da técnica de análise temática de conteúdo, conforme Bardin (2011). Essa técnica foi escolhida por sua capacidade de organizar e categorizar informações em temas centrais, facilitando a interpretação e a identificação de padrões e práticas comuns entre as instituições analisadas. Os temas categorizados que emergiram do campo incluíram disciplinas formais de empreendedorismo, práticas extracurriculares, metodologias ativas de ensino e suporte institucional para iniciativas empreendedoras, conforme apresentado na Figura 1 a seguir:

Figura 1: Temas categorizados da análise documental



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos documentos (2025).

A análise de conteúdo permitiu sistematizar os dados de forma comparativa, destacando tanto inovações quanto lacunas no ensino do empreendedorismo nas instituições selecionadas, conforme apresentado nos tópicos a seguir.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. TEMA 1: Integração do Empreendedorismo nos Currículos Acadêmicos

A integração do empreendedorismo nos currículos acadêmicos das Instituições de Ensino Superior (IES) cearenses evidencia esforços significativos para fomentar uma cultura empreendedora e formar profissionais preparados para os desafios do mercado. Com base nas

análises realizadas, verificou-se que todas as instituições incluídas no escopo deste estudo (UECE, UFC, Unifor, Unichristus e IFCE) oferecem disciplinas voltadas ao empreendedorismo, embora a abordagem e a obrigatoriedade variem entre elas (Matrizes curriculares dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia das respectivas instituições).

A Universidade Estadual do Ceará (UECE), por exemplo, inclui a disciplina "Empreendedorismo" como obrigatória no 6º semestre do curso de Administração, complementada por outras disciplinas como "Gestão da Inovação" e "Economia Criativa e Solidária" (Matriz curricular do curso de Administração da UECE). No curso de Ciências Contábeis, a disciplina de Empreendedorismo é optativa, o que reflete um posicionamento menos uniforme, mas ainda voltado ao desenvolvimento de competências empreendedoras (Matriz curricular do curso de Ciências Contábeis da UECE).

Já a Universidade Federal do Ceará (UFC) adota uma abordagem diversificada. Nos cursos de Administração e Ciências Contábeis, são oferecidas disciplinas optativas como "Criação de Novos Negócios", que integram práticas como a elaboração de planos de negócios e simulações empresariais (Matrizes curriculares dos cursos de Administração e Ciências Contábeis da UFC). Entretanto, o curso de Economia não apresenta uma disciplina específica de empreendedorismo, restringindo-se a temas correlatos, como "Economia do Conhecimento e da Inovação" (Matriz curricular do curso de Economia da UFC). Essa ausência direta no currículo de Economia pode ser entendida como uma lacuna que, segundo Dornelas (2011), requer atenção para a promoção de interdisciplinaridade e a integração de competências voltadas ao mercado.

A Universidade de Fortaleza (Unifor) se destaca pela oferta da disciplina obrigatória "Inovação e Negócios Criativos" no primeiro semestre de todos os cursos analisados (Administração, Ciências Contábeis e Economia) e da disciplina optativa "Empreendedorismo Social" (Matrizes curriculares dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia da Unifor). Essa estrutura curricular inicial demonstra um esforço para introduzir o tema do empreendedorismo logo no início da formação acadêmica, alinhando-se à perspectiva de Nabi et al. (2017), que ressaltam a importância de despertar habilidades empreendedoras desde os primeiros momentos da formação profissional.

Na Unichristus, a disciplina de "Empreendedorismo" é obrigatória para os cursos de Administração e Ciências Contábeis, sendo ofertada no 6º semestre (Matrizes curriculares dos cursos de Administração e Ciências Contábeis da Unichristus). Essa obrigatoriedade reforça a visão institucional sobre a relevância de formar profissionais com competências voltadas ao empreendedorismo, em consonância com o que afirmam Ribeiro e Plonski (2020), ao apontarem que a obrigatoriedade de disciplinas empreendedoras contribui significativamente para a promoção da inovação e para o desenvolvimento socioeconômico.

Por fim, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) incorpora duas disciplinas obrigatórias no curso técnico em Administração: "Introdução ao Empreendedorismo" e "Empreendedorismo Contemporâneo" (Matriz curricular do curso técnico em Administração do IFCE). Essa abordagem inicial e obrigatória é essencial para o desenvolvimento de habilidades práticas e teóricas em um momento formativo crucial, preparando os alunos para os desafios do mercado e incentivando a mentalidade empreendedora desde o início de sua formação.

As práticas curriculares analisadas reforçam a necessidade de ampliar a oferta de disciplinas obrigatórias e de incentivar a interdisciplinaridade, como ressaltado por Fayolle e Gailly (2015). A presença de disciplinas que promovam o aprendizado ativo, como a elaboração de planos de negócios e simulações, já é uma realidade em várias IES, mas a uniformização e a ampliação dessas práticas podem contribuir significativamente para o fortalecimento da cultura empreendedora no ensino superior cearense.

4.2. TEMA 2: Práticas Extracurriculares e Desenvolvimento de Competências

Além das disciplinas formais inseridas nos currículos dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia, as instituições analisadas também oferecem práticas extracurriculares voltadas ao desenvolvimento do empreendedorismo. Essas iniciativas desempenham um papel fundamental na formação dos estudantes, permitindo a aplicação prática dos conceitos aprendidos em sala de aula e estimulando o desenvolvimento de competências essenciais para o mundo dos negócios. Segundo Ribeiro e Plonski (2020), a participação em eventos, empresas juniores, programas de incubação e outras atividades fora do currículo acadêmico formal é um dos fatores que mais contribuem para o aprimoramento das habilidades empreendedoras dos estudantes.

A análise documental revelou que as práticas extracurriculares oferecidas pelas instituições cearenses variam em termos de estrutura, frequência e impacto na formação dos alunos. Algumas instituições apresentam eventos e competições bem consolidados, enquanto outras ainda possuem um desenvolvimento incipiente de programas de suporte ao empreendedorismo. A seguir no quadro 2, apresentamos um comparativo das principais atividades extracurriculares identificadas nas instituições analisadas.

Quadro 2: Práticas Extracurriculares de Empreendedorismo nas Instituições Cearenses

IES	Empresas Juniores	<i>Hackathons</i> e Competições	Semana Acadêmica	Incubadoras e Aceleradoras	Parcerias com Empresas
UECE	Sim – ADM Soluções (Administração e Contábeis)	Sim – Startup Ceará e parcerias com SEBRAE	Sim – Semana da Administração e Semana Universitária	Sim – INCUBAUECE (incubadora)	Sim – SEBRAE e Agência de Desenvolvimento do Ceará (ADECE)
UFC	Sim – Empresa Júnior de Administração e Contabilidade	Sim – <i>Hackathons</i> e desafios do CEI	Sim – Semana Universitária	Sim – Condomínio de Empreendedorismo e Inovação	Sim – Parcerias privadas e públicas
Unifor	Não identificado	Sim – <i>Hackathons</i> do NIT	Sim – Semana do Empreendedorismo	Sim – Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT)	Sim – Escritório de Gestão, Empreendedorismo e Sustentabilidade (EGES)
IFCE	Não identificado	Sim – Competições acadêmicas internas	Sim – Eventos pontuais sobre inovação	Não identificado	Sim – Parcerias com empresas locais
Unichristus	Não identificado	Não identificado	Sim – Semana Acadêmica	Não identificado	Sim – Parcerias institucionais

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos sites institucionais (2025).

Eventos e Competições Acadêmicas: Os eventos acadêmicos voltados ao empreendedorismo são um importante recurso para estimular a criatividade e a inovação entre os estudantes. A UECE, por exemplo, organiza anualmente a Semana da Administração, que reúne palestrantes do mercado para discutir tendências empresariais e inovação (Site institucional da UECE sobre eventos acadêmicos). A UFC, por meio de sua Semana Universitária, oferece oficinas, workshops e desafios de startups que incentivam o desenvolvimento de novos negócios (Programação oficial de eventos da UFC). A Unifor também se destaca com a Semana do Empreendedorismo, evento que promove discussões sobre

negócios, inovação e gestão (Site institucional da Unifor e regulamento da Semana do Empreendedorismo).

Além dos eventos, algumas instituições promovem *hackathons* e competições de inovação, como a UFC, que realiza desafios de startups dentro do seu Condomínio de Empreendedorismo e Inovação (CEI) (Site institucional da UFC sobre o CEI e eventos de inovação). A UECE também conta com competições voltadas ao empreendedorismo em parceria com o SEBRAE, incentivando a participação dos alunos em desafios que testam suas habilidades na criação de modelos de negócios (Programação oficial de eventos da UECE e parcerias com o SEBRAE).

Empresas Juniores e Experiência Empresarial: As empresas juniores são outra ferramenta fundamental para o desenvolvimento das competências empreendedoras dos alunos. Elas permitem que os estudantes tenham contato direto com a realidade empresarial, aplicando na prática os conhecimentos adquiridos ao longo do curso (Silva et al., 2020). No levantamento realizado, verificou-se que a UECE possui a ADM Soluções, empresa júnior vinculada aos cursos de Administração e Ciências Contábeis, oferecendo serviços de consultoria em planejamento estratégico, marketing e gestão financeira (Site institucional da UECE e regulamento da ADM Soluções). Na UFC, há empresas juniores nos cursos analisados, o que reforça o compromisso da universidade com a aplicação prática do ensino (Portal da UFC sobre Empresas Juniores). Já na Unifor, IFCE e Unichristus, não foram identificadas empresas juniores diretamente associadas aos cursos avaliados, o que pode ser um ponto a ser melhorado para oferecer mais oportunidades aos alunos interessados em desenvolver suas habilidades empreendedoras (Site institucional das instituições analisadas).

Incubadoras e Aceleradoras: O suporte institucional às startups e iniciativas empreendedoras dos alunos é um fator decisivo para transformar ideias em negócios sustentáveis. Algumas instituições analisadas possuem incubadoras e programas de aceleração, como a INCUBAUECE, que oferece mentorias, treinamentos e suporte para que os alunos consigam estruturar seus projetos de negócios (Site institucional da UECE sobre a INCUBAUECE). Na UFC, o Condomínio de Empreendedorismo e Inovação (CEI) é um ambiente propício para o desenvolvimento de startups universitárias, proporcionando suporte técnico e mentoria especializada para alunos empreendedores (Portal da UFC sobre o CEI e inovação universitária). A Unifor também possui o Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT), que apoia a criação e desenvolvimento de novas soluções inovadoras (Site institucional da Unifor sobre o NIT e inovação acadêmica). Já no IFCE e na Unichristus, não foram identificados programas estruturados de incubação, o que pode representar uma lacuna na oferta de suporte aos alunos interessados em empreender (Site institucional do IFCE e Unichristus).

4.3. TEMA 3: Metodologias de Ensino Aplicadas ao Empreendedorismo

O ensino do empreendedorismo exige abordagens pedagógicas inovadoras e dinâmicas, que proporcionem aos alunos experiências reais e os incentivem a desenvolver competências essenciais para a criação e gestão de negócios. Segundo Souza e Faria (2018), as metodologias ativas de ensino, como o aprendizado baseado em projetos, as simulações empresariais e os estudos de caso, são fundamentais para preparar os estudantes para os desafios do mercado. A presente análise buscou identificar quais metodologias são aplicadas nas instituições cearenses para o ensino do empreendedorismo e como essas abordagens impactam a formação acadêmica e profissional dos alunos.

A análise documental revelou que as metodologias empregadas variam significativamente entre as instituições, sendo que algumas instituições já adotam práticas inovadoras, enquanto outras ainda mantêm abordagens mais tradicionais. O aprendizado baseado em projetos, as simulações empresariais, o design thinking e o método de estudos de

caso foram algumas das estratégias observadas nos cursos analisados. O quadro 3 a seguir resume as metodologias identificadas em cada instituição.

Quadro 3: Metodologias de Ensino do Empreendedorismo nas Instituições Cearenses

IES	Aprendizado Baseado em Projetos	Simulações Empresariais	Estudos de Caso	Design Thinking	Canvas Business Model
UECE	Sim – Aplicado em disciplinas e eventos	Sim – Projetos práticos de gestão	Sim – Casos de mercado reais	Sim – Disciplina de Inovação	Sim – Desenvolvimento de Modelos de Negócios
UFC	Sim – CEI e Empreende UFC	Sim – Aplicação em disciplinas optativas	Sim – Estudos acadêmicos e práticos	Sim – Oficinas de inovação	Sim – Ferramenta adotada em projetos de startups
Unifor	Sim – NIT e Escritório de Gestão	Sim – Uso de softwares empresariais	Sim – Empresas reais como estudo de caso	Sim – Aplicado em cursos de inovação	Sim – Modelagem de Negócios para startups
IFCE	Sim – Projetos interdisciplinares	Não identificado	Sim – Casos de empresas locais	Sim – Aplicação experimental	Sim – Oficinas de modelagem de negócios
Unichristus	Não identificado	Sim – Projetos práticos no curso de Administração	Sim – Casos reais	Não identificado	Sim – Planejamento de negócios como estratégia de ensino

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos sites institucionais (2025).

Aprendizado Baseado em Projetos e Simulações Empresariais (*Project-Based Learning* – PBL) tem sido amplamente adotado em instituições que buscam uma formação mais prática e conectada ao mercado de trabalho. Esse método permite que os alunos desenvolvam soluções reais para problemas empresariais, muitas vezes em parceria com empresas e startups. A UECE, a UFC e a Unifor utilizam essa metodologia em diversas disciplinas, proporcionando experiências que incentivam o pensamento crítico e a tomada de decisão (documentos das matrizes curriculares da UECE, UFC e Unifor). No caso do IFCE, esse método é aplicado de forma interdisciplinar, permitindo a colaboração entre alunos de diferentes áreas do conhecimento (documento sobre a metodologia interdisciplinar do IFCE).

Já as simulações empresariais, que buscam reproduzir cenários do mundo real, foram identificadas especialmente na UECE, UFC e Unifor. Essas instituições utilizam plataformas digitais e softwares para simular a gestão de empresas e a tomada de decisões estratégicas, permitindo que os alunos experimentem diferentes cenários empresariais e compreendam o impacto de suas ações no desempenho dos negócios (documentos das matrizes curriculares da UECE, UFC e Unifor). O uso desse método é particularmente relevante para preparar os estudantes para desafios do mercado, ajudando-os a desenvolver habilidades como análise de riscos, resolução de problemas e gestão estratégica (documentação institucional sobre metodologias ativas dessas instituições).

Estudos de Caso: O método de estudos de caso é uma das estratégias mais utilizadas no ensino superior para aproximar os alunos da realidade do mercado. Ele permite a análise de problemas reais enfrentados por empresas, incentivando os alunos a proporem soluções e estratégias embasadas em conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Essa abordagem foi identificada na UECE, UFC, Unifor, IFCE e Unichristus, sendo amplamente utilizada em disciplinas de Administração e Ciências Contábeis (documentos das matrizes curriculares da UECE, UFC, Unifor, IFCE e Unichristus).

Outro método identificado foi o Design Thinking, que se destaca como uma abordagem centrada no usuário, incentivando a criação de soluções inovadoras para problemas reais. Segundo Brown (2009), essa metodologia é baseada em imersão, ideação, prototipagem e teste, permitindo que os alunos desenvolvam soluções empreendedoras inovadoras. A UECE, UFC, IFCE e Unifor utilizam esse método em cursos voltados à inovação, proporcionando aos alunos a oportunidade de trabalhar com projetos reais e desenvolver um pensamento crítico voltado para a solução de problemas (documentos institucionais sobre metodologias ativas da UECE, UFC, IFCE e Unifor).

Canvas Business Model: A ferramenta Canvas Business Model é uma abordagem amplamente utilizada para modelagem de negócios. Ela permite que os estudantes visualizem de forma clara como uma ideia empreendedora pode se estruturar e se tornar viável economicamente. As instituições UECE, UFC, Unifor e Unichristus utilizam essa metodologia em suas disciplinas de empreendedorismo, auxiliando os alunos na estruturação de suas ideias de negócios e na elaboração de estratégias para sua implementação no mercado (documentos das matrizes curriculares de UECE, UFC, Unifor e Unichristus).

4.4. TEMA 4: Suporte Institucional e Parcerias com o Setor Privado

O fortalecimento do ensino do empreendedorismo no ensino superior não ocorre apenas por meio de disciplinas curriculares e metodologias inovadoras, mas também pelo suporte institucional fornecido pelas instituições e suas parcerias estratégicas com o setor privado.

A análise documental revelou que as instituições investigadas possuem níveis distintos de suporte institucional ao empreendedorismo. Como observado, algumas instituições já contam com incubadoras, programas de mentoria e uma ampla rede de conexões com o setor privado, enquanto outras ainda apresentam iniciativas limitadas nesse sentido. Na Universidade Estadual do Ceará (UECE), por exemplo, a incubadora INCUBAUECE é um dos principais instrumentos de apoio à inovação acadêmica e ao empreendedorismo. O programa oferece desde pré-incubação até suporte técnico e mentorias especializadas para alunos que desejam transformar suas ideias em negócios viáveis (documento do Programa INCUBAUECE, UECE). Além disso, a universidade mantém parcerias com o SEBRAE e a Agência de Desenvolvimento do Ceará (ADECE), facilitando o acesso dos estudantes a investimentos e capacitações (site institucional da UECE).

A Universidade Federal do Ceará (UFC) segue uma linha semelhante com o Condomínio de Empreendedorismo e Inovação (CEI), um espaço voltado à criação e aceleração de startups acadêmicas, conectando os alunos a investidores e especialistas do setor (documento do Condomínio de Empreendedorismo e Inovação, UFC). Já na Universidade de Fortaleza (Unifor), o Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) desempenha esse papel, promovendo programas de inovação e suporte a projetos acadêmicos (site institucional da Unifor).

Entretanto, outras instituições ainda apresentam um suporte institucional menos estruturado. O Instituto Federal do Ceará (IFCE) e o Centro Universitário Christus (Unichristus), por exemplo, não possuem incubadoras ou aceleradoras formalizadas, o que limita o desenvolvimento de startups acadêmicas e a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos em sala de aula (documentos institucionais do IFCE e Unichristus). No IFCE, a principal forma de suporte ao empreendedorismo ocorre por meio dos programas de estágio e extensão, que conectam os alunos com empresas privadas e instituições do setor público (site institucional do IFCE). Já na Unichristus, o suporte ocorre principalmente em eventos acadêmicos, como as semanas de empreendedorismo, onde são promovidas mentorias com empresários convidados (documento do evento Semana de Empreendedorismo, Unichristus).

A oferta de mentorias e redes de contato com o mercado também se mostrou um diferencial entre as instituições analisadas. A Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Universidade Estadual do Ceará (UECE) possuem programas de mentoria estruturados, com

eventos regulares que conectam os alunos a profissionais experientes do setor privado (documentos institucionais da UFC e UECE). Na Universidade de Fortaleza (Unifor), essa orientação ocorre por meio do Escritório de Carreiras, que facilita a aproximação dos estudantes com empresas e mentores (site institucional da Unifor). O Instituto Federal do Ceará (IFCE), apesar de não possuir um programa formal de mentoria, fomenta a inserção dos alunos no mercado por meio de parcerias para estágio e extensão (documento institucional do IFCE sobre programas de estágio). Esse suporte é crucial, pois, conforme apontado por Souza e Faria (2018), o contato direto com especialistas do mercado permite que os estudantes adquiram insights valiosos e desenvolvam um mindset empreendedor mais estratégico.

Outro aspecto relevante da análise foi a conexão das instituições com empresas privadas e investidores. As instituições: Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade de Fortaleza (Unifor) mantêm redes de contato bem estabelecidas com empresas, startups e organizações de fomento à inovação, garantindo oportunidades de estágio, programas de inovação e acesso a editais de fomento ao empreendedorismo (documentos institucionais da UECE, UFC e Unifor). A UECE, por exemplo, possui um acordo com a Agência de Desenvolvimento do Ceará (ADECE), que oferece incentivos financeiros para startups incubadas na INCUBAUECE (documento da INCUBAUECE). A UFC, por meio do Condomínio de Empreendedorismo e Inovação (CEI), mantém parcerias com investidores e aceleradoras, promovendo eventos que aproximam os alunos de potenciais financiadores para seus negócios (documento institucional da UFC sobre o CEI). A Unifor também desempenha papel semelhante, conectando alunos a oportunidades no mercado por meio do Escritório de Gestão, Empreendedorismo e Sustentabilidade (EGES) (site institucional da Unifor sobre o EGES). Por outro lado, o Instituto Federal do Ceará (IFCE) e o Centro Universitário Christus (Unichristus) ainda possuem um modelo mais limitado nesse aspecto, restringindo o suporte ao empreendedorismo a programas institucionais sem um envolvimento mais direto com investidores e grandes empresas (documentos institucionais do IFCE e Unichristus sobre programas de empreendedorismo).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve o objetivo de traçar um panorama de práticas e competências empreendedoras nos cursos de gestão em IES do Ceará. Por meio da análise documental, foi possível mapear e comparar a forma como cada instituição incorpora a temática do empreendedorismo em suas competências pedagógicas, identificando pontos fortes e lacunas no ensino superior para fortalecer o perfil empreendedor nos seus processos formativos.

Os resultados demonstraram que, embora o empreendedorismo seja um tema recorrente nos cursos analisados, sua abordagem varia significativamente entre as instituições. Algumas instituições adotam uma formação mais estruturada e obrigatória, garantindo que todos os alunos tenham contato com conceitos fundamentais para a criação e gestão de negócios. Outras, no entanto, restringem esse ensino a disciplinas optativas, o que pode limitar a formação empreendedora de parte dos estudantes. Além disso, a existência de metodologias ativas, como simulações empresariais, estudos de caso e aprendizado baseado em projetos, contribui diretamente para uma formação mais prática e aplicada, mas sua implementação ainda não é uniforme entre as instituições estudadas.

Outro ponto relevante foi a importância das atividades extracurriculares e do suporte institucional no fortalecimento da cultura empreendedora. A presença de empresas juniores, *hackathons*, incubadoras e mentorias mostram-se fundamentais para que os alunos possam desenvolver habilidades práticas e ampliar sua rede de contatos no ambiente profissional. Instituições que oferecem esses recursos adicionais demonstram um maior comprometimento com a formação empreendedora dos estudantes, preparando-os de forma mais completa para os desafios do mercado de trabalho.

Em termos de contribuições, do ponto de vista acadêmico, este estudo contribui para o campo da educação empreendedora ao fornecer uma análise comparativa detalhada das práticas adotadas por diferentes instituições na promoção do empreendedorismo como vetor de desenvolvimento regional. Metodologicamente, a pesquisa utilizou a análise documental como ferramenta principal, permitindo uma investigação estruturada e baseada em dados empíricos, o que pode servir como referência para futuros estudos sobre o tema. Além disso, os achados desta pesquisa podem ser úteis para gestores acadêmicos e responsáveis pela formulação curricular, pois fornecem um diagnóstico sobre boas práticas e pontos a serem aprimorados no ensino do empreendedorismo. A identificação das metodologias mais eficazes e das principais lacunas no ensino atual pode auxiliar no desenvolvimento de novas estratégias pedagógicas voltadas para uma formação mais inovadora e conectada com o mercado dos dias atuais.

Apesar das contribuições, este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. Primeiramente, a análise documental foi baseada nas informações disponíveis nos sites institucionais das instituições, o que pode ter restringido o acesso a detalhes mais aprofundados sobre as práticas educacionais adotadas internamente. Além disso, a pesquisa limitou-se ao contexto cearense, não permitindo uma generalização dos resultados para outras regiões do Brasil.

Assim, como sugestão para estudos futuros, recomenda-se a realização de entrevistas com professores, coordenadores de curso e alunos, a fim de obter uma perspectiva mais aprofundada sobre a efetividade das disciplinas e das metodologias aplicadas. Outra possibilidade seria ampliar a investigação para outras regiões do país, permitindo uma análise comparativa mais ampla sobre a educação empreendedora e território. Além disso, sugere-se que futuros estudos explorem o impacto das iniciativas empreendedoras universitárias na trajetória profissional dos alunos, investigando como as competências adquiridas durante a formação acadêmica refletem na prática profissional e no desenvolvimento de negócios próprios. A análise longitudinal de egressos pode oferecer insights valiosos sobre a eficácia das metodologias aplicadas e das oportunidades extracurriculares disponíveis.

A importância deste estudo também se estende para a gestão universitária e para os próprios estudantes. Para os gestores, os resultados apresentados podem servir como base para a formulação de políticas institucionais mais eficazes, incentivando a implantação de metodologias ativas, parcerias estratégicas e ampliação do suporte ao empreendedorismo dentro das instituições. Já para os alunos e futuros gestores, compreender como o empreendedorismo é abordado no ambiente acadêmico pode ser um fator decisivo na escolha de cursos e instituições que ofereçam uma formação mais alinhada com suas expectativas profissionais.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para o avanço da educação empreendedora, incentivando não apenas a ampliação do ensino do empreendedorismo, mas também o fortalecimento das práticas que preparam os estudantes para um mercado dinâmico, inovador e cada vez mais competitivo a partir de um empreendedorismo emancipatório. Dessa forma, questionando se temos currículos que, de fato, empreendem a partir dos diferentes processos de aprendizagem ao refletir criticamente sobre a questão “entre disciplinas, startups e incubadoras: de que forma se configura efetivamente o empreendedorismo universitário?”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. R. S.; CORDEIRO, E. P. B.; SILVA, J. A. **Proposições acerca do ensino de empreendedorismo nas instituições de ensino superior brasileiras: Uma revisão bibliográfica**. Revista de Ciências da Administração, p. 109-122, 2018.
- APOLINÁRIO, P. A. **Valores do trabalho e movimento empresa júnior: estudo em empresas juniores do estado do Ceará**. TCC (Graduação em Administração) - Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, UFC, Fortaleza, 2014.

ARAUJO, G. F.; DAVEL, E. P. B. **Educação empreendedora em instituições europeias: um panorama de experiências**. Revista de Administração Unimep, Piracicaba, v. 19, n. 13, p. 221-223, dez. 2022.

ARAUJO, G. F.; DAVEL, E. P. B. **Educação empreendedora: avanços e desafios**. CGE, São Cristóvão, v. 6, n. 3, p. 47-68, set./dez. 2018.

ARRUDA, C.; BURCHARTH, A.; BARCELLOS, E. P.; LOURENCINI, S. P. **Impactos da educação empreendedora em alunos brasileiros do ensino superior: um estudo empírico comparando disciplinas obrigatórias e eletivas**. REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal, v. 12, n. 3, p. e2071, 2023.

BARRETTO, L. **O desafio da Educação Empreendedora no Brasil**. Pequenos Negócios, v. 11, 2013.

BULHÕES, D. M. S.; VASCONCELOS, A. B. L.; LEITE, E. **Em busca da educação de qualidade em instituições públicas brasileiras de ensino superior: a nova dinâmica baseada na universidade empreendedora**. Revista Gestão e Secretariado, v. 13, n. 3, p. 1122-1141, set./dez. 2022.

CARDOSO, A. B.; SOUSA, R. R.; MONTEIRO, D. F. B. **Estudo qualitativo dos principais atributos que determinam a percepção de qualidade de um programa de rádio educativo universitário conduzido por alunos do Programa de Educação Tutorial do curso de Administração**. Revista Multiface, Belo Horizonte, v. 3, 2015.

CASADO, F. L.; SILUK, J. C. M.; ZAMPIERI, N. L. V. **Universidade empreendedora e desenvolvimento regional sustentável: proposta de um modelo**. Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria, vol. 5, edição especial, p. 633-650, 2012.

CAVALCANTI, M. **O ensino do empreendedorismo no Brasil na universidade pública e o apoio à mulher empreendedora: algumas reflexões críticas**. Revista de Administração da UNIMEP, Piracicaba, v. 5, n. 1, p. 99-117, jan./abr. 2007.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: J. Poupart, et al. (Orgs.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHAI, C.; CASTORENA, D. G.; WELCHEN, V.; MUKENDI, J. T.; MACIEL, J. V.; GANZER, P. P.; MATTE, J.; OLEA, P. M. **Análise da opinião de acadêmicos sobre instituições empreendedoras: uma comparação entre Brasil e México**. E&G Economia e Gestão, Belo Horizonte, v. 19, n. 54, p. 133-135, set./dez. 2019.

CUNHA, L. E. M.; MARQUESAN, F. F. S.; SILVA, J. B. **Ensino do empreendedorismo: percepção de alunos de uma instituição de ensino superior**. Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo, v. 6, n. 1, p. 89-111, 2021.

DAL-SOTO, F.; SOUZA, Y. S.; BENNER, M. **Dimensões da orientação empreendedora no ambiente acadêmico**. Revista BASE – Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos, São Leopoldo, v. 18, n. 3, p. 410-412, jul./set. 2021.

DIAS, G. E. D.; FIGUEIREDO, M. D. **Ensino e perspectivas do empreendedorismo social em ações práticas para formação em administração**. Revista Omni Sapiencia, v. 3, n. 1, p. 1-14, maio 2023.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**. Elsevier Brasil, 2008.

FERNANDES, R. J. R. **Breve histórico do ensino de empreendedorismo no Brasil**. Revista GV novos negócios, v. 5, n. 5, 2013.

GLORIA, L. L. da; RIBEIRO, M. E. S.; GUERRA, M. S. **Parceria público-privada, formação empreendedora e instituições públicas brasileiras: um panorama das produções, no período de 2011-2021**. Inter-Ação, Goiânia, v. 49, n. 2, p. 1168-1186, maio/ago. 2024.

LIMA, I. N.; ARAUJO, G. F. **Educação empreendedora nos cursos de graduação em uma universidade pública: panorama, tendências e práticas**. CGE, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1-2, maio/ago. 2022.

LOPES, D. P. T.; SILVA, S. A.; ALMEIDA, C. M.; MARTINS, L. G. R. **Analisando um ecossistema de educação empreendedora, a partir da experiência de uma instituição pública brasileira.** Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 1-22, set./dez. 2021.

LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas.** Elsevier, 2010.

MIRANDA, C. M. S.; SILVEIRA, A. **Empreendedorismo corporativo na universidade: o entendimento de gestoras catarinenses.** Anais do VI Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, Recife, 2010.

MOREIRA, M. A.; BARROS-DA-SILVA, S.; SANTOS, F. L.; SANTIAGO, A. M. **A inserção da educação empreendedora nos cursos de administração em instituições de ensino superior da região metropolitana de Belém – PA.** Interfaces Científicas - Humanas e Sociais, v. 8, n. 1, p. 87-102, abr./jun. 2019.

MWASALWIBA, E. **Entrepreneurship education: A review of its objectives, teaching methods, and impact indicators.** Education + Training, 52(1), pp. 20-47, 2010.

OLIVEIRA, A. G. M.; MELO, M. C. O. L.; MUYLDER, C. F. **Educação empreendedora: o desenvolvimento do empreendedorismo e inovação social em instituições de ensino superior.** Revista Administração em Diálogo-RAD, v. 18, n. 1, p. 29-56, 2016.

PERIN, M. L. S. **Comparação do ensino e da prática de empreendedorismo em instituições de ensino superior públicas e privadas de Boa Vista.** RARR, v. 2, n. 1, p. 67-87, 2012.

RIBEIRO, R.; OLIVEIRA, E. A. A. Q.; ARAUJO, E. A. S. **A contribuição das instituições de ensino superior para a educação empreendedora.** Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 10, n. 3, 2014.

ROSIN, S. M.; GONÇALVES, A. C. A.; HIDALGO, M. M. **Programa de educação tutorial: lutas e conquistas.** ComInG [Internet], v. 2, n. 1, p. 70-9, 2017.

SANTOS, P. M. **Educação empreendedora universitária: uma proposta de modelo.** 2024.

SALUME, P. K.; DIAS, G. F.; GUIMARÃES, L. de O.; JUNQUEIRA, L. R. **Estímulo ao empreendedorismo no ensino superior sob a perspectiva dos discentes.** Revista Administração FACES Journal, v. 20, n. 1, p. 8-18, jan./mar. 2021.

SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. **Desafios contemporâneos da educação empreendedora: novas práticas pedagógicas e novos papéis de alunos e docentes.** Revista da Micro e Pequena Empresa, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 134-149, set./dez. 2020.

SCHMITZ, A.; JULIANI, D. P.; DANDOLINI, G. A.; SOUZA, J. A.; HEERDT, M. L. **A inovação e o empreendedorismo e a sua relação com o ensino, a pesquisa e a extensão nas instituições brasileiras.** In: XV Colóquio Internacional de Gestão Universitária – CIGU. Mar del Plata, Argentina, 2015.

SILVA, C. P. S.; PEREIRA, E. C. S.; GUIMARÃES, J. C. **Educação empreendedora no ensino superior: uma análise sob a perspectiva dos estudantes de Administração.** RPCA, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 82-83, out./dez. 2021.

SILVA, L. do N.; BARROSO, E. dos S. S.; TEIXEIRA, L. I. L.; OLIVEIRA JÚNIOR, M. A. C. **Empreender ou não? Eis a questão! Análise da intenção empreendedora dos universitários de uma instituição federal de ensino.** Revista Gestão e Secretariado, v. 13, n. 1, p. 94-119, jan./abr., 2022.

SOARES JUNIOR, F. E. D. **A importância da extensão universitária para o empreendedorismo.** Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo, v. 9, n. 6, p. 1-15, nov./dez. 2024

ZANCHET, R. E. R.; SILVA, L. C. S. **Educação empreendedora nos cursos de graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).** RASI, Volta Redonda, v. 7, n. 3, p. 47-68, set./dez. 2021.